

Mulheres em círculo: letramento literário na sala dos professores

Tuania Martins Nunes

Introdução

Inicialmente, vale aqui recuperar as palavras de Vincent Jouve em seu livro *A Leitura* (2002, p. 109), quando afirma que “ler é uma viagem, uma entrada insólita em outra dimensão que, na maioria das vezes, enriquece a experiência”. Ou seja, viver a experiência leitora significa sofrer uma experiência de expansão do nosso subconsciente que, como uma alma fantasmagórica, sai vagando por territórios desconhecidos, escapando da sua realidade para adentrar um universo fictício, onde passeia cambaleante para só então retornar ao real, mas agora nutrida pela ficção, podendo, então, criar um novo olhar sobre si e sobre o mundo, descobrindo novos caminhos para a palavra e para compartilhá-la.

Nesse mesmo viés, no ensaio *O Direito à Literatura*, Antônio Candido (1995) afirma que a literatura tem que ser vista como um direito básico do ser humano, pois é um instrumento poderoso de conhecimento e educação. Segundo o autor, a literatura funciona como um equipamento intelectual e afetivo.

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma, nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (CANDIDO, 1995, p. 197).

Ao falar do caráter humanizador da ficção, Candido enfatiza que o mesmo é potencializado pela literatura porque ela nos permite viver, experimentar pela leitura a complexidade humana, o bem e o mal, o certo e o errado, convertendo em lembranças tudo aquilo que faz parte de nós, possibilitando a manifestação das nossas emoções, e abrindo portas para uma nova visão de mundo através da leitura, da fala e da escrita. De modo geral, toda obra literária representaria um modelo de um objeto bem construído. A partir da concepção de Candido, pode-se relacionar o papel humanizador da literatura na escola, ou fora dela, com o que diz Teresa Colomer em seu livro *Andar*

Entre Livros (2007). Na obra, a autora enfatiza a importância da leitura literária e como esta valoriza o papel da escola, podendo expandir o seu lugar através de atividades, como: dramatizar, compartilhar, experimentar e possibilitar o crescimento do leitor. Eis aqui a relevância de investigar e problematizar o impacto que a criação de um círculo literário para professoras da educação básica pode ter, fazendo do letramento literário um processo transformador, incomum e problematizador do feminino no contexto em que vivemos, principalmente no espaço escolar. Abordar a importância do letramento via textos literários que compreendam a dimensão da mulher no contexto social, permite que ela problematize a sua prática em sala de aula enquanto sujeito gendrado e, portanto, portador de códigos culturais, em sua maioria inconscientes, o que faz desse sujeito-mulher um reproduzidor desses mesmos códigos.

A leitura de obras como *Mulheres que Correm com os Lobos*, da psicanalista Clarissa Pinkola Estés (2018), proporciona um questionamento sobre a nossa experiência leitora de mundo, fazendo com que tenhamos um olhar de “fora da caixa” sobre nossas crenças e valores, sobre os lugares que ocupamos e de que modo os ocupamos, desvelando assim a nossa forma de agir na vida profissional, pessoal, social e, talvez, despertando instintos adormecidos que não sabíamos que existiam em nós. Surge então a possibilidade de nos perguntarmos de que modo podemos valorizar a nossa história não apenas enquanto leitoras, mas como mulheres e, neste caso, professoras.

Sendo assim, o objetivo deste texto é problematizar a relação entre cultura e o papel do feminino nos espaços escolares da educação básica enquanto constructo cultural “inventado” (WAGNER, 2020), perpetuado pelas próprias mulheres e, portanto, passível de ser por elas transformado. Metodologicamente, este trabalho tem por base uma pesquisa bibliográfica interdisciplinar, de cunho comparatista, entre teoria literária e estudos culturais, com vistas a problematizar a relação feminino-cultura no espaço escolar. Desse modo, apresenta também o projeto “Mulheres em Círculo: letramento literário na sala dos professores” a ser desenvolvido em uma escola de educação básica do município de Arroio Grande/RS. E tem como referenciais teóricos os autores Roy Wagner (2020), Gilles Lipovetsky (1977), Rildo Cosson (2019) e Clarissa Pinkolas Estés (2018).

A cultura do feminino: invenções e apagamentos

A fauna silvestre e a Mulher Selvagem são espécies em risco de extinção. Observamos, ao longo dos séculos, a pilhagem, a redução do espaço e o esmagamento da natureza instintiva feminina. Durante longos períodos, ela foi

mal gerida, à semelhança da fauna silvestre e das florestas virgens – Clarissa Pinkolas Estés

Pensar a Mulher Selvagem, como proposto por Clarissa Pinkola Estés em *Mulheres que Correm com os Lobos* (2018), nos permite estabelecer um paralelo com o papel da mulher-professora e o quanto os espaços que ela ocupa na sociedade refletem a sua aproximação ou distanciamento dessa natureza instintiva feminina.

Ao longo do texto, a autora estabelece um paralelo entre lobos e a mulher selvagem, enfatizando a semelhança da sua natureza instintiva, o anseio de toda mulher pelo que é selvagem, e os efeitos do trabalho de séculos de dominação de uma cultura masculina, responsável pela domesticação da mulher e conseqüente apagamento da sua natureza instintiva. Segundo a autora, é preciso resgatar essa intuição que foi se perdendo ao longo dos anos nas diferentes culturas e suas invenções (WAGNER, 2020) para o feminino, as quais constantemente deslocam, sobrecarregam, interditam a mulher de uma leitura de si mesma e do mundo que a reconectarem com a sua força ancestral. A autora que, além de escritora, é psicanalista junguiana, vai buscar em lendas, contos, mitos folclóricos conhecidos de seus leitores, as referências da cultura e sua força transformadora da condição da mulher na sociedade, marcada por opressões e preconceitos que apagam suas memórias míticas.

Considerando as diferentes lendas que o livro de Estés aborda, é possível traçar um paralelo com o conceito de cultura proposto em *A invenção da Cultura*, de Roy Wagner (2020), antropólogo americano. Como é sabido, a antropologia estuda o fenômeno do homem, seu corpo, origem, seus grupos sociais em si mesmos, mas também como elementos de padronização geral da sociedade em que vivemos. Segundo o autor, o antropólogo não é capaz de ler uma cultura que está sendo estudada de forma totalmente neutra, imparcial. Desse modo, as definições de cultura que o mesmo atribui ao um determinado grupo constituem-se como invenções produzidas a partir dos seus próprios paradigmas, apesar do trabalho de investigação e da busca de uma descrição objetiva de uma determinada sociedade. A invenção da cultura que Wagner descreve ao longo de seu livro tem forte ligação com as questões do feminino apontadas por Estés, uma vez que é através das histórias contadas oralmente e que descrevem mulheres em diversas culturas que se pode identificar papéis a elas atribuídos em diferentes épocas e grupos sociais. Contações que vão ao encontro de cada leitora, remexendo sua terra subconsciente, ao identificar-se na cultura de um outro povo, em um outro tempo. Ao mesmo tempo, uma leitura que, em alguns casos, provoca em cada mulher uma identificação desconfortável ao se perceber no lugar daquelas personagens. Se o simples fato de ser mulher na sociedade não é fácil, simbolicamente falando é muito

mais difícil porque o jogo ficcional – suas metáforas, hipérboles – potencializa os dramas, conflitos, violências muitas vezes silenciadas pelas paredes do “lar”, e que são responsáveis pelo medo, fragilidade, bloqueios e falta de criatividade, causadores do apagamento da consciência da alma feminina. O poder da invenção sobre os aspectos culturais e sociais se reflete nas relações entre culturas, dificultando a compreensão e até mesmo a discussão sobre a própria cultura e suas diferenças em vários ambientes, inclusive na escola.

Ao pensar nessas questões, é possível refletir também sobre as mulheres-professoras em seu processo de formação e como isso pode afetar ou ajudar sua vida pessoal, social e profissional. Pensar as questões do feminino pressupõe adentrar o campo dos estudos culturais para melhor entendermos de que forma e em que momento certos códigos culturais se constituíram, determinando paradigmas econômicos, sociais, culturais e até mesmo religiosos que irão perpetuar uma condição de silenciamento e submissão das mulheres nas diferentes culturas.

Nesse jogo de invenções culturais de que nos fala Wagner, torna-se evidente a importância do texto literário que, direta ou indiretamente, desvela através de diferentes tempos e espaços a questão do papel social e histórico da mulher, problematizando a sua condição na contemporaneidade, provocando novos olhares sobre velhas práticas. A literatura, enquanto “invenção antropológica”, também provoca no sujeito o desejo e a possibilidade de realizar mudanças positivas, ao mesmo tempo em que o faz refletir sobre os códigos culturais que apagam quem ele realmente é, como vive em uma sociedade cheia de violência, discriminação, opressão, sobretudo se estivermos falando de um sujeito feminino. Esse conhecimento em torno do texto literário não contribui apenas para o leitor em geral, mas também para a mulher-professora, capaz de enxergar, através dos textos literários, dilemas de uma cultura em que está inserida. Eis por que, antes de adentrar as questões das teorias feministas propriamente, é importante discutir o conceito de cultura, uma ideia de cultura para o século XXI. Mais precisamente, uma ideia de cultura que tem a presunção de entender o comportamento humano de forma absoluta, em se tratando de uma sociedade antiga ou atual.

Para problematizar o conceito de cultura, Roy Wagner desenvolveu uma teoria geral sobre a invenção de significado e sobre a noção de cultura propriamente, afirmando que sua maior contribuição foi mostrar que a cultura é um processo duradouro de produção criativa da vida, e não algo sólido que tem que ser conversado. A partir da obra *A invenção da Cultura*, de Roy Wagner (2020), é viável perguntar qual seria o trabalho da cultura: seria inventar a vida a partir da sua lei, inventar uma cultura,

relacionar e problematizar os espaços de troca social? De que modo esse jogo de invenções afeta, determina, reduz o papel da mulher-professora e tudo que envolve o trabalho com o texto literário para o entendimento dessa cultura?

Para entender, problematizar e relacionar essas questões envolvendo a mulher-professora, é preciso partir do próprio conceito de antropologia acima citado e o modo como, conforme o autor, a mesma estuda o fenômeno do homem, a sua mente, seu corpo, suas origens, sua arte e seus grupos, não enquanto estudo do indivíduo, mas como características de um padrão de funcionamento geral. Wagner também aborda os modelos androcêntricos, onde a tendência é assumir o masculino como único modelo de representação coletiva, configurando a valorização excessiva do masculino, de suas experiências e comportamentos. Por consequência, marcando a desigualdade dos espaços de poder na cultura entre os gêneros e, em geral, menosprezando as experiências da mulher e sua busca pela liberdade ou “governo de si mesma”, como afirma Gilles Lipovetsky (1997). A palavra cultura inclui, assim, comportamentos, tradições e entendimentos de um determinado grupo social, contemplando também aspectos como linguagem, culinária, arte, vestuário, etc. A cultura faz parte de quem somos tanto quanto fazemos parte da cultura; é a partir dela que funciona toda a nossa convivência e comunicação com o outro, a sociedade e o mundo.

No sentido antropológico, a cultura é utilizada para se compartilhar símbolos e significados de um determinado grupo social, sendo um espaço que não se constitui de maneira natural, mas pelas forças de poder entre os diferentes grupos dentro de uma mesma arena social. Isto é, aqueles grupos que tinham mais poder, em geral compostos por homens, acabavam por determinar os espaços de atuação de todos os outros sujeitos na referida cultura. Como aponta Roy Wagner, a ideia do homem de inventar suas próprias realidades não tem nada de novo. É a partir desses processos de invenção que construímos valores, crenças, costumes, tradições e outros aspectos que contribuem para a constituição da nossa identidade cultural.

Para entender melhor sobre essa identidade, o antropólogo desenvolve uma reflexão acerca do trabalho no campo onde descreve suas experiências com outro mundo, relatando-as a partir da sua própria cultura, “inventando” a cultura do outro a partir das diferenças que lhe são colocadas. Para descrever esse trabalho, Wagner relata que o mesmo parte de recursos que são comuns, de habilidades e ideias que podem ser adquiridas pela educação, definindo a “literatura antropológica” como uma cultura que estudamos por meio dela mesma, de modo que todas as ações que caracterizam nossas investigações também devem ter características culturais. A partir do que expõe das suas experiências, Wagner afirma que a invenção é, antes de tudo, cultura. “Apenas

mediante uma 'invenção' dessa ordem que o sentido abstrato da cultura (e de muitos outros conceitos) pode ser apreendido, e é apenas por meio do contraste experienciado que sua própria cultura se torna 'visível' (WAGNER, 2020, p. 29). Portanto, toda invenção pode ser visível a todos os seres humanos, onde quer que estejam, tanto quanto o é para os pesquisadores de campo, os quais controlam o choque cultural da experiência a partir daquilo que é vivenciado cotidianamente, e que acontece por meio de regras, tradições e costumes, inventando e reproduzindo por meio da própria cultura uma nova noção ou ideia de cultura.

Como afirma Wagner, “[...] ao experienciar uma nova cultura, o pesquisador identifica novas potencialidades e possibilidades de se viver a vida, e pode efetivamente passar por uma mudança de personalidade” (WAGNER, 2020, p. 28), sendo que a cultura estudada se torna visivelmente aceitável para ele. Esse processo se dá por etapas: no início, ele aprende a ser um indivíduo distinto, tendo uma maneira de fazer as coisas; no final, ele compreende pela primeira vez seus próprios erros e acertos sobre o uso da palavra cultura, tornando claro e evidente o ato de “inventar” outra cultura, ao mesmo tempo em que reinventa a sua própria.

Com base nesse conceito de “invenção”, o grupo Mulheres em Círculo, composto por mulheres-professoras, busca, através da literatura, questionar essas invenções e de que forma elas afetam as suas inter-relações na vida pessoal, social e profissional, a fim de compreender o seu funcionamento no mundo em que estão inseridas, e observar a partir da própria vida que ninguém tem um olhar “neutro” sobre o outro, ou si mesmo. Isto para que essa mulher-professora, para além de uma compreensão mais geral, possa, de alguma forma, despertar seu instinto selvagem, por muito tempo adormecido, e que seja capaz de problematizar os reflexos dessa cultura também nas suas práticas no ambiente escolar, igualmente inventadas e, portanto, passíveis de serem transformadas. Como afirma Wagner, é “[...] por isso que vale a pena estudar outros povos, porque toda compreensão de uma outra cultura é um experimento com a nossa própria cultura” (WAGNER, 2020, p. 38). Esse princípio pode valer também para pensarmos diferentes grupos dentro de uma mesma cultura, como é o caso do feminino em um espaço predominantemente de mulheres, como é a escola, mas que nem por isso está menos livre da influência dos códigos masculinos. Estes, via de regra e de modo sutil, atribuem ao trabalho da mulher-professora um peso menor, o qual se reflete desde as condições salariais e materiais de trabalho até em termos de status social e de postura diante do próprio trabalho.

Ao falar sobre a cultura do feminino, é importante considerar a relevância das teorias feministas que, enquanto discurso de caráter intelectual, investigativo, ainda

são recentes (datam do final dos anos 1980) e nascem com a intenção de problematizar o papel e a voz da mulher na sociedade e, sobretudo, padrões tradicionais de opressão sofrida por ela ao longo da história da humanidade. Esses padrões encontram um espaço relevante de desvelamento na arte; em especial, na literatura. Essas tradições, passadas de geração a geração, partilhadas por um determinado grupo cultural, em geral, colocam a mulher em uma condição “objetificada”, vulnerável à exploração familiar, conjugal e social. A própria emancipação feminina é impregnada de ideologias, em que seus antigos papéis se imiscuem nos novos, abrindo espaço, segundo Gilles Lipovetsky (1977), para uma nova mulher dotada não apenas de beleza, mas também de corpo, alma, e o “governo de si mesma”, o que o autor define como “terceira mulher”, incluída na lógica liberadora do individualismo contemporâneo. A despeito de todos os desafios (índices de violência, diferenças salariais, etc.) que ainda se apresentam para a mulher no século XXI – em países mais e menos desenvolvidos – no que tange o respeito e igualdade de direitos, na visão do autor, essa nova mulher deixou de ser uma invenção do homem. Ela se tornou uma mulher que tem seu futuro livre e que pode determinar seu destino a partir das suas escolhas, práticas, decisões certas e erradas, e não mais a partir de uma tradição cultural.

Historicamente, vale lembrar que os movimentos feministas começaram ao longo do século XIX, apresentando avanços significativos no início do século XX no Reino Unido e, posteriormente, nos Estados Unidos, consolidando-se em torno da luta pela igualdade de direitos para homens e mulheres. Segundo Lipovetsky (1977), o surgimento da “terceira mulher” caminha paralelamente com o nascimento de teorias e revoluções feministas que ainda hoje trabalham por garantir às mulheres um espaço de voz respeitado dentro do sistema sociocultural, criando condições para que se instale uma nova figura social do feminino, distanciada do modelo anterior.

Segundo Cecil Jeanine Albert Zinani (2010), em seu artigo *Crítica Feminista: uma contribuição para a história da literatura*, a crítica feminina se fortaleceu na segunda metade do século XX, indicando duas modalidades importantes para debater sobre o feminino, e que estão relacionadas com os três períodos ou ondas importantes para a luta pela liberdade das mulheres. A primeira onda, segundo Bonnici (2007), refere-se ao período que vai desde as últimas décadas do século XIX, e que segue lutando pelos direitos humanos das mulheres até os primeiros anos do século XX. A segunda onda feminista ocorre entre as décadas de 1960 e 1980, mas que teve seu início com a publicação de *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, em 1949. Nesse período, os mitos e arquétipos sobre as mulheres eram criados e retratados por escritores famosos, os quais apresentavam a mulher como um ser que dependia totalmente do outro, apontando para uma subordinação feminina como uma questão ontológica. Lipovetsky

(1977, p. 02) também abordou o tema da segunda mulher, definindo-a como “invenção do belo sexo”, um fenômeno inteiramente histórico, uma instituição social, um “constructo” cuja origem remonta ao início dos tempos modernos, sendo que, no seu entendimento, o belo sexo e o segundo sexo são a mesma coisa.

A terceira onda feminista pretende provocar ou evitar aquilo que se percebe como definições essencialistas da feminilidade na segunda onda, colocando em destaque não apenas as experiências das mulheres brancas da alta classe social, mas também as de várias origens culturais, étnicas, de diferentes nacionalidades e regiões, que compõem um grupo diversificado de mulheres e identidades. Essa terceira onda busca ampliar os temas feministas para incluir esses grupos e, dessa forma, abrir novas possibilidades de problematização. A terceira mulher é referida como uma mulher determinada a conquistar suas lutas diárias, e que vem organizando movimentos que promovam avanços para a libertação feminina. Esses movimentos são caracterizados “por sua autonomização em relação à influência tradicional exercida pelos homens sobre definições e significações imaginárias-sociais da mulher” (LIPOVETSKY, 1977, p. 236).

Para relacionar a terceira mulher com a questão profissional e, principalmente, com as mulheres-professoras, é preciso problematizar questões de identidade profissional, evidenciadas desde o nível do discurso. Em meados dos anos 1960, de acordo com Lipovetsky, a maioria das mulheres justificava as suas atividades profissionais como sendo para “ajudar” sua família, melhorar o orçamento familiar ou ajudar na educação dos filhos, e não por uma necessidade pessoal ou de independência financeira. Ou seja, o ato de trabalhar era considerado importante se fosse subordinado aos papéis familiares, sem nenhum valor próprio. E aqui, vale questionar: será que essa relação entre profissão e subordinação familiar não continua determinante entre as mulheres-professoras? Elas escolheram essa profissão por realmente acreditar que o seu espaço de manifestação pessoal e profissional é como educadora, ou estão simplesmente perpetuando papéis inventados/autorizados para elas?

É importante fazer essas reflexões acerca do trabalho educacional, pois muitas vezes ouvimos que as mulheres escolheram ser professoras por causa da família, por ser uma profissão destinada às mulheres do “lar”, aquelas que tinham uma integridade moral bem construída perante a sociedade. Como afirma Lipovetsky, essa relação foi deixando de ser preponderante nas sociedades democráticas ao longo dos anos, sendo que muitos afirmam que o casamento e o nascimento de filhos interrompem cada vez menos a vida profissional da mulher. Podemos considerar esse fato um avanço significativo ao longo dos anos, por conta das ondas feministas que vieram unir forças e mostrar que as mulheres podem, sim, conquistar seu lugar e, portanto, romper com

o papel restritivo de "mulher do lar", tendo liberdade de escolher seu caminho pessoal, social e profissional. Com isso, o trabalho feminino já não aparece como último recurso, mas como uma autoexigência identitária, uma condição para realizar-se na existência, um meio de auto-afirmação" (LIPOVETSKY, 1977, p. 221). Mas, como afirma Lipovetsky (1977, p. 125), "[...] a ordem social institui invariavelmente a supremacia dos poderes masculinos e o monopólio viril do prestígio". Essa ordem é carregada de poderes específicos, monopólios masculinos. Pode-se citar, como exemplo, o fato de que, no século XVI, essa supremacia recusava às mulheres uma educação intelectual séria, "promovendo-as" à condição de "mulher do lar", incapacitadas profissionalmente.

"Sem dúvida, essa promoção da mulher é muito mais literária do que social" (LIPOVETSKY, 1977, p. 126). É o "território" literário, ao longo dos tempos e em diferentes culturas, que têm contribuído fortemente para a história das mulheres. Um território com força inigualável de problematização, desvelamento e, muitas vezes, denúncia de processos ideológicos e culturais impregnados de decretos, alguns deles sutis, que visam o apagamento, a desconstituição da mulher selvagem de que fala Clarissa Pinkola Estés. Esses "territórios" literários geram reflexões sobre o papel da mulher na sociedade e, com isso, abrem possibilidades para novas interpretações e eventuais mudanças que resgatem essa natureza selvagem. Em consonância com o pressuposto transformador da literatura, através da obra *Mulheres que Correm com os Lobos*, de Clarissa Pinkolas Estés, analisando os contos, mitos e arquétipos da mulher selvagem, é possível adentrar esse território selvagem, estabelecendo-se uma relação também com a mulher contemporânea. Um sujeito feminino à mercê de forças externas, desconectada da sua força interna, ignorante da sua natureza selvagem. Um apagamento que em muito tem contribuído para os perpetradores da violência, pois é sabido que, no momento em que a mulher recupera a sua essência selvagem, ela irá lutar para preservá-la porque, através dela, sua criatividade pode florescer, seus relacionamentos ganham novo significado, uma nova consciência e saúde para sua vida pode se desenvolver.

Infelizmente, ao longo dos séculos, a intuição feminina foi-se perdendo em seu espaço familiar e/ou profissional, e juntamente com a conexão e os ciclos naturais da vida, tão importantes para a autodescoberta desse novo sujeito feminino. A consciência desses ciclos daria a essa mulher condições de entender criticamente o seu papel em uma sociedade que se (re)inventa constante e rapidamente, e que precisa incluir nas suas práticas de cultura uma mulher reintegrada à sua condição selvagem. É importante considerar aqui que a natureza torna a cultura significativa e necessária. Então, será preciso afastar-se de tudo para entender, descobrir novos fatos e, com isso, ocorrerem novos diálogos sobre a cultura e/ou apagamento do feminino?

De acordo com Roy Wagner, “[...] a dialética entre cultura e natureza precisa ser ampliada para incluir outros domínios de experiência de modo que possa manter sua objetividade significativa e evitar tornar-se tautológica e moribunda” (WAGNER, 2020, p. 96). Então, para entender a cultura em que a mulher está inserida, é necessário compreender o arquétipo da mulher selvagem em sua cultura. *Mulheres que Correm com os Lobos, Mitos e Histórias do Arquétipo da Mulher Selvagem* foi uma obra criada a partir do estudo da autora sobre biologia animal selvagem; mais precisamente, uma pesquisa sobre os lobos. Nesse estudo, (2018) afirma que a cultura dos lobos *Canis Lupus* e *Canis rufus* é similar à história das mulheres, sua vida, sua força e sua luta. Como os lobos, as mulheres são saudáveis e, com isso, certas características psíquicas são comuns, tais como a “[...] percepção aguçada, espírito brincalhão e uma elevada capacidade para devoção” (ESTÉS, 2018, p. 16). São também curiosos e providos de grande resistência e força, a ponto de serem perseguidos, tachados de falsos, trapaceiros, vorazes, agressivos, assim como as mulheres em diferentes épocas e culturas.

Esse estudo mudou a forma de Estés refletir e entender a psique feminina, assumindo para si a tarefa de fomentar essas discussões. A autora explica que, ao traçar essas características comuns entre lobos e as mulheres, a investigação sobre diferentes culturas e a sua própria provocaram reflexões sobre suas experiências pessoais e a percepção de que o amor pela Mulher Selvagem começou quando ela ainda era pequena. Ao invés de preferir cadeiras, ela preferia o chão, as árvores e as cavernas porque nesses lugares, segundo ela, sentia como se pudesse encontrar o rosto de Deus em seu rosto: “Tive a sorte de crescer na natureza. Lá, os raios me falaram da morte repentina e da evanescência da vida” (ESTÉS, 2018, p. 17). Nesse mesmo viés, Wagner enfatiza a relação da antropologia com a natureza e afirma que viver na cultura, contar com ela, é criar a necessidade de conhecimento, de vivenciar a experiência da “natureza”, inclusive a natureza instintiva.

Ao problematizar a condição do feminino na pós-modernidade, abre-se um conjunto de questões importantes sobre a cultura e a existência da mulher no corpo social. Essas questões – urgentes – precisam ser discutidas e dialogadas em todas as classes sociais. Mas existe um lugar em que fazer essa discussão pode trazer um efeito maior: a escola. Ao refletir sobre o seu lugar na escola, a mulher-professora encontra um terreno fértil para questionar a cultura do feminino em geral, no seu mundo, e as práticas constituídas com base nessa cultura. Desse modo, abre-se um campo receptivo para mudanças de comportamentos e transformações sobre sua vida e daqueles que compõem o seu espaço social. Nesse contexto, a leitura de textos literários que estimulam reflexões e questionamentos sobre si e sobre o outro, também em um nível

coletivo psicossocial, torna-se um exercício fundamental, cujos desdobramentos múltiplos incidirão diretamente nas suas práticas de sala de aula.

É em consonância com a afirmação de Rildo Cosson (2019) de que ler é um ato solitário, mas interpretar é um ato solidário, que se aponta aqui a relevância de uma experiência estético-literária em um grupo de “iguais”. Isto é, mulheres professoras da mesma escola, como estratégia de potencialização da tomada de consciência do papel que cada uma efetivamente ocupa, os pressupostos psicossociais que determinam as suas práticas como docentes e como mulheres. Um círculo de mulheres para ler e discutir literatura pode reacender, ou despertar, a consciência de que ser mulher nesse espaço vai além de ser alguém que está trabalhando apenas para “fechar o orçamento”. Ao contrário, a escola pode ser o espaço de expressão de uma profissional exemplar, de grande valia para alunos e colegas de profissão, sendo que ali, através da experiência prazerosa com o texto, ela também pode resgatar competências, a sua integridade, a sua natureza selvagem.

Às vezes, o prazer do Texto cumpre-se de forma mais profunda (e é nesse momento que se pode dizer realmente que há texto): quando o texto “literário” (o livro) transmigra para nossa vida, quando uma outra escrita (a escrita do Outro) consegue escrever fragmentos da nossa própria cotidianidade, enfim, quando se produz coexistência (BARTHES, 1971, p. 12).

Ao evocar essa “transmigração” do texto literário para a vida do sujeito, Roland Barthes lança luz sobre a complexidade, a multidimensionalidade da experiência literária, a qual pode ser levada para os diferentes desafios enfrentados no âmbito profissional, social e pessoal. Entre eles, uma reflexão mais profunda sobre feminino e cultura no ambiente escolar; mais precisamente, na sala dos professores, um espaço historicamente multidimensional, usado para descanso, reuniões e, muitas vezes, resolução de problemas da escola. É essa multidimensionalidade que faz desse espaço um campo fértil para uma “arqueologia” do feminino, uma busca delicada mas profunda das invenções e apagamentos que o tem constituído ao longo dos tempos. Assim, os estudos culturais muito têm a contribuir para que possamos rastrear de que forma e em que momento certos códigos culturais se constituíram, determinando padrões econômicos, sociais, culturais e até mesmo religiosos para as mulheres especificamente. Padrões que, muitas vezes, perpetuam uma situação de silenciamento e dominação sobre as mulheres em diferentes culturas.

Considerando essas inter-relações e “transmigrações”, tornou-se necessário pensar também uma dimensão didática e a criação de um grupo para mulheres-

professoras. Foi pensado, então, o círculo literário, um espaço para compartilhar, discutir e problematizar obras literárias que despertem a sua natureza selvagem e a sua força ancestral, utilizando a leitura como forma de aprendizagem também para a ensinagem de leitura literária. Um espaço de questionamentos e reflexões sobre a forma como diferentes estruturas culturais determinam padrões de funcionamento profissional, social e pessoal na escola – um círculo de mulheres para e na Sala dos Professores. Nesse espaço, e através do texto literário, as participantes do “Mulheres em Círculo” podem se questionar, trocar pensamentos e sentimentos sobre suas próprias práticas, inclusive didáticas, enquanto sujeitos de e na cultura. Ou seja, o Círculo foi projetado como estratégia para pensar e resgatar a dimensão intuitiva, selvagem de uma mulher, foi pensado como um espaço poético seguro, criativo, e mesmo lúdico, para a (re)visitação de diferentes culturas, tendo como base o pressuposto de cultura como "invenção" e o seu poder de moldar comportamentos e expectativas referentes à mulher na sociedade.

Mulheres em círculo: letramento literário na sala dos professores

Ler não tem contraindicação, porque é o que nos faz humano. Todas as formas de ler valem a pena. Todas as formas de ler são diálogos entre o passado e o presente. Todas as formas de ler são modos de compartilhar saberes, experiências e concepções de vida. Os círculos de leitura são espaços de compartilhamento organizados para que o diálogo em torno de uma obra seja também um lugar onde os leitores se reconheçam como membros de uma comunidade.

- Rildo Cosson

Como dito anteriormente, o projeto “Mulheres em círculo: letramento literário na sala dos professores”, tem como objeto de discussão a obra *Mulheres que Correm com Lobos*, de Clarissa Pinkola Estés (2018). Além dos objetivos já expostos, o projeto visa oferecer um espaço de capacitação para o trabalho com literatura a partir do conceito de ensinagem de leitura literária. Entende-se que a relevância de projetos com esse perfil se deve ao fato de que pensar estratégias de leitura literária especificamente para mulheres-professoras da educação básica não é algo recorrente nas escolas públicas brasileiras.

A interação social e o compartilhamento de ideias, perspectivas e leituras literárias especificamente entre professoras nem sempre são espaços assegurados. Isto se dá por vários motivos, pois pensar o papel multifacetado da mulher-professora não apenas requer planejamento e aprendizado sobre o tema proposto, mas também é um processo

que implica reflexões e problematizações acerca da sua condição enquanto sujeito de e na cultura. Somado a isso, com todos os desafios após dois anos de ensino remoto, híbrido e presencial, certamente a mulher-professora pouco tempo tem podido dedicar a questionamentos sobre a própria vida. Falar sobre os problemas enfrentados, inclusive os muitos lutos, pode ser algo difícil, pois são questões que vão afetando e gerando pensamentos muitas vezes negativos em relação a si mesma, piorados pela correria do dia-a-dia e da situação delicada gerada pela pandemia. O isolamento social acabou fazendo com que os espaços de diálogo e troca sobre experiências literárias se tornassem escassos e, algumas vezes, considerados inúteis diante de tantas metas a serem cumpridas. Ela acaba esquecendo que o compartilhamento da palavra na/sobre a escola, de certa forma, é um modo de partilhar sua vida, sua cultura, seus sentimentos, alegrias, vivências, etc. Sem esse tempo-espço, a mulher-professora viu-se privada de um espaço de autoconhecimento relevante para ela enquanto mulher e profissional, alguém que pertence e afeta centenas de vidas que com ela compartilham a experiência de aprender e letrar-se para a vida, um processo de aquisições e trocas contínuo e infinito.

Como afirma Rildo Cosson (2019), o letramento literário possui um aspecto especial: o processo de letramento que se faz pelos sentidos do texto literário atinge não só uma proporção diferente do uso social da escrita, mas é principalmente uma forma de garantir seu verdadeiro controle, e a escola tem papel relevante nesse processo. A leitura literária é uma forma de diálogo com o outro, de entender as culturas e respectivas forças em jogo na arena social. Ou seja, o letramento literário é antes de mais nada uma prática social e, como tal, o professor não pode se eximir desse processo. Como afirma Cosson (2020, p. 179), “[...] ler não tem contraindicação, porque é o que nos faz humanos”. E é pensando nessa dimensão humanizadora da literatura que foi cogitado o círculo, no qual não há espaço para hierarquias, competições, julgamentos, comparações e fofocas lançadas para todos sobre suas vidas. Ao contrário, foi pensado como uma forma de promover um ambiente seguro para a mulher-professora, um espaço de liberdade feminina e confraternização, que contempla diversas questões: amor, cura, sabedoria da sua própria alma selvagem, ancestralidade, etc.

Com a leitura de obras como *Mulheres que Correm com os Lobos*, de Clarissa Pinkola Estés, que dialoga com o pensamento e a necessidade feminina, e com base no conceito de “invenção”, proposto por Roy Wagner (2020), é possível identificar e problematizar fatores que afetam e determinam suas relações sociais. Os códigos culturais que foram moldados ao longo do tempo, seus desejos, sentimentos, sonhos, podem ser despertados pela imagem poética, causando uma profunda repercussão na

psique feminina, e abrindo espaço para ressonâncias e ressignificações desses códigos. A partir da obra de Estés, é possível identificar uma semelhança entre lobos e mulheres saudáveis e letramento literário; este último, uma ferramenta fundamental para o resgate da dimensão saudável do feminino porque é um processo de apropriação de saberes. As mulheres, ao resgatarem o arquétipo da mulher selvagem e adquirirem conhecimentos transformadores, podem mudar suas vidas, aprendendo a valorizar e honrar a própria força, a própria história, inclusive a sua caminhada como profissional, o que terá um forte impacto na sua prática docente: eis aqui a função principal deste círculo para mulheres na sala dos professores.

Nesse viés, considerando a importância da leitura literária e valorizando o papel da escola, Teresa Colomer (2007) descreve em sua obra *Andar Entre Livros* a maneira de os professores elaborarem um guia de leitura que permite levar às novas gerações uma direção diferente de literatura na escola, através da qual aprendam também a comunicar oralmente um texto. Falar ou escrever sobre ele, a partir dele ou segundo ele, são caminhos que possibilitam uma inter-relação da leitura com a escrita e a fala. Esta é uma das razões de criar um espaço onde as Mulheres-Professoras, deslocadas do lugar em que, supostamente, tem obrigação de serem “detentoras e transmissoras do conhecimento”, possam socializar suas produções com as colegas, no fluxo constante e libertador do letrar-se. É somente desse lugar, com essa postura, que poderemos, enquanto educadoras, promover efetivamente experiências de letramento para nossos alunos. Ler, expandir e conectar são três palavras simples, mas que carregam muitos significados e fazem com que a leitura literária construa seu próprio lugar na escola e tenha um papel importante na aprendizagem de cada aluno. Estimular a leitura e planejar o desenvolvimento das competências e habilidades ao longo da etapa de ensino e aprendizagem, são os dois eixos da tarefa escolar no que tange o acesso à literatura (COLOMER, 2007).

Com relação a isso, Lea Anastasiou, em *Ensinar, Aprender, Apreender e Processos de Ensino* (2015) afirma que o ato de ensinar, aprender e apreender funciona como um dos elementos básicos de discussão docente. A autora problematiza o conceito tradicional de ensinar, que significa exclusivamente apresentar ou explicar o conteúdo numa só exposição como a grande maioria dos professores faz, o que não necessariamente inclui a participação ativa do aluno. Na visão da metodologia ativa, a aula é o espaço onde o professor constrói estratégias, pontes para o aprendizado que assegurem que o aluno se sinta seguro e respeitado a ponto de responsabilizar-se pelo seu processo e ativamente fazer o percurso de aprender e apreender. No caso do círculo para mulheres-professoras, através de estratégias de ensino de leitura literária, a sala dos professores servirá como um lugar de ensino e aprendizagem de

fato, convidando esses sujeitos a ocupar novas posições, inclusive no espaço físico da escola, renovando pontos de vista e expectativas. Nesse processo, segundo Regina Zilberman (1988), para a presença efetiva do texto literário na sala de aula, é necessário conhecimento sobre o aluno, sua história, junto com objetivos de socialização da leitura para que o estudante tenha parte ativa na própria educação. O estímulo à leitura e desenvolvimento de hábitos e gosto de ler ajudam a fortalecer e assegurar o lugar da literatura no ensino.

No ambiente escolar, a literatura sempre esteve em diversos lugares, de acordo com Rildo Cosson em sua obra “*Círculos de Leitura e Letramento Literário*” (2020). A literatura faz parte das comunidades humanas desde tempos passados, sendo testemunha de mitos cosmogônicos. As histórias que contam como o mundo surgiu, como o homem nasceu, sua morte, comportamentos, normas, tradições, etc., representam as inúmeras funções dos mitos. São relatos que continuam servindo de base para a expansão da literatura em diferentes formas. Múltiplos gêneros nascidos das contações orais, de textos escritos, lendas, canções, sagas, tragédias, “[...] e outros tantos modos de usar a palavra para ser apenas palavra antes ou depois de ser mundo – o uso que faz essa palavra se tornar literária” (COSSON, 2020, p. 11). Um tipo de palavra que, infelizmente, parece não fazer mais parte da vida de muitas pessoas, ocupando, por um vasto conjunto de fatores sócio-político-culturais, a prateleira de “saberes inúteis”, de que fala Nuccio Ordine (2016).

Mulheres em círculo: uma proposta de letramento literário

Como dito anteriormente, o projeto “Mulheres em círculo” foi pensado como um espaço para problematizar a cultura do feminino entre professoras da educação básica, tendo como tema inicial de debate a obra *Mulheres que Correm com Lobos*, de Clarissa Pinkola Estés (2018). Como afirma Rildo Cosson (2020, p. 39), a leitura literária não é uma forma comum de lazer, ocasionando diversos problemas que podem se relacionar com o próprio sentido de nossa existência, pois “[...] ler é compartilhar os sentidos de uma sociedade”. Partindo do pressuposto de que a leitura é uma espécie de projeção do leitor sobre a obra, a qual é pouco mais que um argumento para o exercício na elaboração de sentidos das suas vivências, compartilhá-las causa percepções sobre a sua experiência na sociedade em que vive. Essa visão vem ao encontro do que foi apresentado até aqui com relação à perpetuação dos papéis sociais da mulher e da sua interdição histórica ao estudo e à leitura de modo geral. Na perspectiva social, Cosson afirma que ler é uma atividade social em grande parte determinada pelos limites e restrições impostos por uma sociedade dominada por papéis masculinos.

Assim, a proposta do círculo parte da urgência em se criar espaços de questionamento e reflexão sobre a forma como esses códigos culturais determinam certos padrões de funcionamento e vivências que não apenas afetam, mas interdita nossas relações pessoais, sociais e profissionais. O trabalho com literatura a partir do conceito de ensinagem de leitura literária nos ajuda a lembrar que “Ler é um processo que, qualquer que seja o seu ponto de partida teórico, passa obrigatoriamente pelo leitor, autor e contexto” (COSSON, 2020, p. 41). Na falta de um deles, e aqui é preciso incluir o professor no seu papel de mediador, o círculo não se completará e ocorrerão falhas para o entendimento do texto literário, uma vez que o processo de leitura implica “ouvir” o texto para poder entender o seu sentido. Um círculo de leitura, antes de mais nada, é um grupo de pessoas que se reúnem com o objetivo de problematizar e discutir a leitura de uma determinada obra a partir de encontros que variam de acordo com um planejamento. Esses encontros podem ser realizados de forma presencial, a partir de um lugar escolhido como biblioteca pública, lugares públicos e também virtuais. Os locais de interação são importantes para definir várias características, objetos e modos de funcionamento, mas é importante frisar que a interação do círculo é o mais importante para que haja resultados. Ou seja, um círculo de leitura, para ser compreendido como tal, parte basicamente do compartilhamento organizado e estruturado de uma obra dentro de uma comunidade de leitores.

Para a elaboração do projeto “Mulheres em Círculo”, foi preciso fazer uma leitura mais profunda e analítica, comparatista, examinando detalhadamente algumas questões sobre a obra de Estés (2018), construindo diálogos entre campos de conhecimento, de modo a identificar possíveis intertextualidades e interdisciplinaridades. Sendo assim, foi necessário também incluir a leitura do conto de fadas “Os Sapatinhos Vermelhos”, do poeta e autor Dinamarquês, Hans Christian Andersen (1845), que consta também no livro de Estés. Ao se fazer uma análise desse conto, automaticamente vem à memória a obra literária infantil “Chapeuzinho Vermelho”, cujo original, de Charles Perrault, data de 1697 e conta a história da menina de vermelho que andava pela floresta e que, por não ter cumprido as ordens da mãe, quase foi devorada pelo lobo mau.

No capítulo “A Preservação do Self: a identificação de armadilhas, arapucas e iscas envenenadas”, de *Mulheres que Correm com os Lobos* (2018), Estés trata das mulheres bravas, por que elas se tornam a “mulher braba”, e como costumamos cair e entrar em diversas armadilhas. Essas armadilhas são tão importantes de se analisar e perceber que, como Estés descreve, só no conto “Os Sapatinhos Vermelhos” há um total de oito armadilhas nas quais nós, mulheres, costumamos cair. A autora cita o simbolismo dos arquétipos, que vão desde a carruagem dourada à dança descontrolada da menina pela

floresta. A partir destes, é possível identificar a sua proximidade com a história contemporânea da *Chapeuzinho Vermelho*, que igualmente cai na armadilha do lobo, colocando em risco também a vida da sua avó. Ou seja, arquetipicamente, colocando em risco a continuidade da sua ancestralidade. As armadilhas de que fala Estés, e as consequentes punições, atuam como um corrosivo na psique feminina, que vai, de geração em geração, apagando esses referenciais arquetípicos, a memória da sabedoria ancestral feminina representada na figura da avó, que será devorada pelo lobo mau. Ou seja, destruída por sua culpa, pela sua desobediência aos códigos estabelecidos por uma cultura androcêntrica restritiva, e que ainda pune – muitas vezes através das próprias mulheres – qualquer feminino que ouse romper com ela porque intuitivamente sabe que é uma cultura inventada.

A mulher braba de que fala Estés é aquela que um dia viveu em um estado psíquico natural, selvagem, ou seja, mentalmente livre, mas que se tornou prisioneira de alguma reviravolta da vida, da cultura – acontecimentos que, por sua carga destrutiva, provocam um apagamento tal que o que fica são apenas os códigos da cultura vigente e seus interesses, que nem sempre vem ao encontro dessa "mulher selvagem" porque livre, destemida, empoderada. Um exemplo é o caso histórico das mulheres-bruxas, queimadas por serem supostamente a representação do demônio no mundo, e que é relatado em detalhes na obra *O Martelo das Feiticeiras*, de Heinrich Kraemer e James Sprenger, um manual de combate aos praticantes de heresias (leia-se, as mulheres), publicado em 1484 em cumprimento à bula papal *Summis Desiderantis Affectibus*, de Inocêncio VIII, e que se tornou um guia dos inquisidores no século XV e seguintes.

No séc. XXI, ainda podemos pensar em diversos casos de interdição do feminino, desde os altos índices de violência física contra a mulher dentro e fora de casa, até situações mais sutis como, por exemplo, quando a mulher opta pela ruptura de um dos maiores códigos de inserção e respeito social para a mulher em diversas culturas – o casamento – e cujo sucesso ainda parece ser de responsabilidade da mulher, mesmo em casos de situação abusiva para a sua integridade. Esses exemplos evidenciam o quanto esses constructos culturais se perpetuam de modo sutil, armadilhas que, apesar de não parecerem ser, continuam impondo e definindo escolhas, tornando a mulher uma vítima de um algoz – seja ele um indivíduo ou um código social – muitas vezes invisível.

A partir da escolha do conto da menina dos sapatinhos vermelhos, é possível para a mulher refletir mais profundamente sobre o efeito da cultura na psique feminina, na sua psique, assumindo para si a tarefa de promover essas discussões sobre a “mulher brava” e suas armadilhas presentes na sociedade em que vive. Como seus ciclos e seus

sistemas de proteção foram manipulados, ela corre o risco de esquecer aqueles que costumavam ser seu estado selvagem natural. “Já não mais alerta e desconfiada, ela se torna presa fácil” (ESTÉS, 2018, p. 246). A mulher braba é uma mulher que passou por muita submissão, sentindo que sua natureza não estava sendo respeitada. Ou seja, é aquela mulher que por algum motivo precisou preservar princípios com os quais não concordava durante muito tempo – mulheres bravas de todas as idades e, principalmente, as jovens que têm uma enorme vontade de compensar períodos de fome e isolamento, como afirma Estés. Ao fazer essa relação, principalmente no círculo de mulheres, as Mulheres-Professoras podem se questionar quantas de nós não passamos por isso, e como não repetir a experiência.

Para entender e chegar a esse ponto do questionamento e problematização, um caminho é se perguntar por que muitas lendas têm finais tão brutais, e lembrar que muitas delas se tornaram histórias infantis, como *Chapeuzinho Vermelho* que, se a relacionarmos com a lenda dos sapatinhos vermelhos, poderá se tornar uma chave de leitura relevante sobre o poder da literatura como disseminador de uma cultura de restrição e domesticação do feminino. Através do conto da *Chapeuzinho Vermelho*, escrito no final do século XVII, podemos ainda hoje questionar sua representação simbólica para o feminino e seus movimentos nos espaços sociais, não apenas a ameaça que o Lobo Mau representa, mas também o perigo que a jovem mulher corre ao tentar retornar às suas origens, à casa da avó. Nesse viés, para ir ao encontro da mulher selvagem, a história da menina dos sapatinhos vermelhos traz uma verdade psicológica, um conto que mostra que a vida expressiva da mulher “[...] pode ser sondada, ameaçada, roubada ou deduzida, a não ser que ela se mantenha fiel à sua alegria básica e ao seu valor selvagem, ou que os resgate” (ESTÉS, 2018, p. 252). Podemos relacioná-la com a vida da mulher na sociedade hoje, onde continua sendo sondada, ameaçada e deduzida pelo simples fato de ser mulher. Um exemplo claro é quando fazemos uma escolha pela nossa liberdade, seja ela de que maneira for, o que causa imediatamente sondagens e ameaças por apenas tentarmos ser felizes em um ambiente em que a felicidade só se tornará possível se formos casadas ou mães de família.

A história chama a atenção do leitor para as diversas armadilhas e como estas o envolve, fazendo com que reflita sobre os muitos significados que uma menina que é deixada sozinha para andar na floresta pode ter. Um deles é como uma mulher pode se perder de forma tão exagerada ao perder a sua vida selvagem e instintiva. “O jeito de nos mantermos fiéis ao que temos, o jeito de descobrir o caminho de volta para o feminino selvagem, está em ver os erros que pode cometer uma mulher presa numa armadilha dessas” (ESTÉS, 2018, p. 252). Só ao ver esses erros cometidos e descobrir um novo caminho é que podemos arrumar os estragos que essas armadilhas têm causado

ao longo de nossas vidas. Tanto na história da menina dos sapatinhos vermelhos quanto na da *Chapeuzinho Vermelho*, a grande função didática dessas obras literárias é que meninas boas, de bem, não saem de casa porque, se saírem, o lobo ou as armadilhas que foram lançadas para elas irão devorá-las. Ou seja, fica evidente que uma história supostamente inocente, é impregnada de códigos culturais, crenças, modelos comportamentais e ameaças explícitas, comprovando a ideia de que não existe literatura, nem mesmo infantil, inocente e inofensiva. Ao contrário, aponta para a relevância do trabalho de ensinagem de leitura literária para crianças e adultos e, especialmente, nos espaços formais de educação.

Assim, partindo da proposta de Rildo Cosson em *Círculos de Leitura e Letramento Literário* (2020) da leitura da obra de Estés (2018), do conto “Os sapatinhos vermelhos”, de Hans Christian Andersen (1845), o “Mulheres em Círculo” foi pensado a partir de um funcionamento semiestruturado, sem um roteiro rígido, com apenas orientações para nortear as atividades propostas para as leitoras, de modo que se desenvolva de forma orgânica – selvagem. Inicialmente, será de responsabilidade da coordenadora dar início ao diálogo e à leitura da obra ou capítulo indicado, podendo haver rodízio entre as participantes à medida que se sintam integradas ao círculo. As ações serão quinzenais com encontros de duas horas, e ocorrerão de forma remota pela plataforma Google Meet, através de videochamadas criptografadas e seguras para o andamento da reunião. O convite para o círculo será enviado pela plataforma Instagram, visto que a maioria das professoras da escola faz uso da mesma, e será feito, no mínimo, uma semana antes de cada encontro, sempre com a indicação da próxima leitura, e um caderno virtual de anotações para cada participante.

Como afirma Rildo Cosson (2019, p. 17), “[...] na leitura e na escritura do texto literário, encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos”. Através dela, além de entrar em contato com o mundo do “outro”, acessamos dimensões de nós mesmos e descobrimos formas de nos expressarmos no mundo, o que se constitui em uma experiência estética transformadora para o sujeito e para o seu espaço social e cultural. Por isso a escolha pela metodologia ativa e o conceito de ensinagem de leitura, pois implica a construção de um conjunto de estratégias de aproximação, motivação e participação ativa do aluno na sua experiência de aprender e apreender os novos saberes. Desse modo, mais facilmente contribui para que a mulher-professora se recoloca no mapa da sala de aula, repensando suas formas de protagonismo nos seus processos de letramento e na necessidade de se recolocar diante da experiência de construir um tipo de conhecimento volátil, como são as práticas hermenêuticas na literatura. Complementarmente, o método da sequência básica de Rildo Cosson (2019), constituído por quatro passos – motivação, introdução,

leitura e interpretação – foi escolhido como estratégia para promover letramento literário, entendendo a sua relevância para a formação psicossocial também do sujeito feminino, em específico, das mulheres-professoras.

A Motivação é o núcleo de preparação para aproximar o leitor do texto que, como citado anteriormente, é a leitura da obra *Mulheres que Correm com os Lobos*, de Clarissa Pinkola Estés (2018), sempre partindo dos seus saberes prévios, tanto sociais quanto profissionais. A motivação visa preparar o leitor para entrar no texto e, como alerta Cosson (2019, p. 57), “[...] a questão, então, não é se a motivação exerce ou não influência, mas sim se essa influência é bem-vinda ou desejada pelo professor”.

A Introdução é o momento de apresentação do autor e da obra, em que o mediador apresenta informações básicas sobre o autor e a obra escolhida. Como será uma ação remota, a apresentação da obra e do autor será pela plataforma Canva, onde materiais serão elaborados para uma apresentação visual atraente, não sendo um momento muito longo, já que essa fase da sequência deve ser simples, para que cause depois mais interesse sobre a obra e autor. É preciso ter em mente que a introdução também não deve se estender muito, uma vez que a sua função é apenas propiciar que o leitor receba a obra de maneira positiva.

A Leitura e a Interpretação da obra são as etapas essenciais da proposta de letramento literário, sendo que o momento de troca de opiniões é fundamental para que o leitor se aproprie dos novos saberes, relacionando-os ao seu mundo. Nessa parte, o mediador solicita uma leitura prévia do texto enviado anteriormente. Como é um texto extenso e complexo em várias partes, é preciso que, pelo menos parte da leitura, seja feita previamente, sendo que é possível fazer uso de diferentes estratégias, tais como leitura em grupo de fragmentos do texto; enviar uma leitura gravada via ferramenta digital, etc.

A interpretação é o momento de construção dos sentidos, visto que, por meio de inferências que envolvem autor, leitor e comunidade. Por meio da troca com seus pares, a mulher-professora pode relacionar sua vida e profissão com os códigos culturais da sua própria cultura, os quais determinam seus modelos de funcionamento nas várias dimensões da sua vida. Como afirma Cosson (2019, 66), “[...] a interpretação é realizada com o que somos no momento da leitura”; por isso, ela é tão pessoal, íntima e reveladora. É nesse momento que cada mulher-professora poderá falar sobre sua vida e chegar ao momento de refletir sobre sua alma selvagem, notando o seu apagamento (ou não), problematizando seus desafios, refletindo como isso acontece, e identificando de que modo a sua cultura tem causado esses apagamentos ao longo da sua vida. Por conta desse momento interior, mesmo que cada participante o perceba como íntimo e

peçoal, ainda assim é preciso a consciência de que é também um ato social. Ainda assim, o mais importante é que essa mulher tenha a oportunidade de fazer uma relação entre a obra lida e sua vida, permitindo que essa reflexão a ajude não só na sua vida pessoal, mas como capacitação para o trabalho dentro de uma metodologia de ensinagem de leitura literária.

Para além da sequência básica de letramento literário, de Rildo Cosson (2019), a proposta final é de algum tipo de escrita criativa. Visto que esse círculo irá discutir e problematizar questões femininas, será de grande valia que a escrita criativa entre como um suporte para as mulheres-professoras escreverem sobre suas experiências. Desse modo, é possível ampliar a consciência sobre a importância da leitura literária e de um processo de letramento via textos literários que compreenda não apenas uma dimensão diferente do uso social da escrita, mas também enfatiza a importância da escola e da sala de aula nesse processo.

Pensando sobre isso, e de acordo com Luis Antonio de Assis Brasil (2003), a leitura de uma obra ficcional e a produção de texto enquanto escrita criativa busca sobretudo que o estudante, neste caso, a mulher-professora, possa construir sua voz por intermédio de estratégias da ficção, com a linguagem literária, tanto no âmbito da leitura quanto da produção de texto, utilizando de sua própria vida para solucionar problemas enfrentados ao longo dos séculos. Entre eles, o apagamento da alma feminina, contemplando a relação entre literatura-feminino-professora-aluno na educação básica, e refletindo sobre os diversos desafios que essa mulher-professora enfrenta, e o quanto isso pode contribuir para a qualidade do seu trabalho na sala de aula. Essa experiência, segundo o autor, atua na dessacralização de “[...] pessoas talentosas e não talentosas” (2003, p. 74) e, sobretudo, possibilita maior competência de leitura.

Nesse caminho, considerando as palavras do escritor, o “Mulheres em Círculo: letramento na sala dos professores” pretende seguir com ações a partir da leitura literária e da prática – ou da experiência – da escrita criativa, juntamente com a sua própria experiência de vida. Como afirma Cosson (2019, p. 17), “[...] a experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência”.

Considerações finais

Toda mulher parece uma árvore. Nas camadas mais profundas de sua alma ela abriga raízes vitais que puxam a energia das profundezas para cima, para nutrir

suas folhas, flores e frutos. Ninguém compreende de onde uma mulher retira tanta força, tanta esperança, tanta vida. Mesmo quando são cortadas, tolhidas, retalhadas de suas raízes ainda nascem brotos que vão trazer tudo de volta à vida outra vez. Elas têm um pacto com essa fonte misteriosa que é a Natureza.
- Clarissa Pinkolas Estés

“Quando trabalhamos a alma, ela, a Mulher Selvagem, vai se expandindo” (ESTÉS, 2018, p. 31). Com essa afirmação, não é preciso ser conhecedor de tudo e de todo o mundo para reconhecer a força da mulher, ou saber perguntar de onde ela tira tanta força para lutar e manter-se de pé depois de um longo dia. Como, então, trabalhar a sua alma para ir se expandindo? A única maneira de entender esse trabalho, que gera forças que transformam mundos, é sendo uma Mulher Selvagem. Ninguém irá entender melhor sobre ser uma mulher, se não for mulher. Não importa como é essa mulher, mesmo nas camadas mais profundas da psique, tentar imaginar ou imaginar como uma mulher consegue lidar com a sua natureza selvagem, sua própria vida é realmente o que gera preconceitos e dificuldades da parte de homens e também de mulheres. O que passamos para sermos apenas mulher na sociedade, que vai além de sofrer por apenas existirmos, e não só isso, como cuidar dos filhos, da casa, das plantas, etc., tudo isso pode gerar satisfação e fazer da mulher um ser ainda mais forte, mesmo que ela não saiba lidar com essa intuição feminina tão criticada, atacada. Esses apagamentos, que inúmeras vezes nos causam problemas, acabam impedindo um movimento de resgate da própria história, responsável por evitar que a mesma continue a se repetir. Esse resgate histórico, a consciência de que há um passado de construção anterior e uma visão de poder ancestral, contribuem cada vez mais para uma transformação e autotransformação da mulher. E é pensando na autotransformação da mulher que este texto não se encerra aqui.

Tendo em vista que as diferenças de calendário entre escola e universidade inviabilizaram a realização do círculo, o mesmo deverá ocorrer com o objetivo de investigar e problematizar o impacto que a sua criação pode causar na autotransformação da mulher-professora por meio do letramento literário, fazendo dele um processo transformador. Analisar a importância do letramento via obras literárias que compreendam a dimensão da mulher no contexto social, permite que se problematize a sua prática em sala de aula enquanto sujeito inserido na sociedade e, portanto, condutor de códigos culturais, em sua maioria inconscientes, o que faz desse sujeito-mulher um perpetuador desses códigos.

Em consonância com os projetos desenvolvidos durante a graduação, orientados principalmente para o trabalho com literatura, foi possível aprofundar as questões que envolvem a leitura literária no espaço escolar, sua complexidade e consequências na

formação psicossocial da criança e do jovem, inclusive na formação da mulher-professora. As leituras acerca da representação do feminino na literatura, em diálogo com os estudos culturais, feitas ao longo do curso de Letras acabaram por basear esta pesquisa e levá-la para além da sala de aula: a literatura e o feminino foram para a sala dos professores. Nesse sentido, a educação básica torna-se um espaço para elas, as mulheres-professoras, dialogarem sobre a sua experiência dentro e fora do contexto escolar. Como afirma Cosson (2019, p. 17), a literatura tem e precisa ser mantida em um lugar importante nas escolas, visto que “[...] para que a literatura cumpra seu papel humanizador”, sua função maior de tornar o mundo mais compreensível, precisa mudar o rumo da escolarização e, para que isso aconteça, é preciso que se promova o letramento literário na escola e também fora dela. Ler é um poderoso instrumento, como afirma Cosson (2020), não tem contraindicação e faz parte de tudo o que somos, fazemos e compartilhamos, passando necessariamente pela escrita.

Para inspiração deste texto, a obra *Mulheres que Correm com os Lobos*, de Clarissa Pinkola Estés (2018), foi a partir da leitura dessa obra que se constituiu a pesquisa bibliográfica interdisciplinar, envolvendo o diálogo entre os campos da teoria literária, estudos culturais e metodologias ativas voltadas para a ensinagem de leitura literária. Além disso, apresenta a proposta de um projeto de um círculo literário – “Mulheres em Círculo: letramento literário na sala dos professores” – que pretende ser desenvolvido em seguida em uma escola de educação básica do município de Arroio Grande - RS, já contando com a pré-inscrição de quatro professoras.

Concluindo, para que esse processo continue acontecendo de forma natural para a transformação e autotransformação da mulher-professora, é preciso que haja um resgate da sua vida instintiva, como defende Estés em todo o livro. Através de histórias e mitos, que ela descreve a partir de experiências próprias e lendas famosas, vai explicando cada detalhe para que o leitor compreenda seus significados sobre a vida instintiva da mulher, sendo esta um esqueleto, em que cada osso constitui parte importante de um todo capaz de nos mostrar o caminho para o encontro com a nossa alma apagada. Enfim, nas palavras de Clarissa Pinkola Estés (2018, p. 517), em *Mulheres que Correm com os Lobos*,

Espero que vocês saiam e deixem que as histórias lhes aconteçam, que vocês elaborem, que as reguem com o seu sangue, suas lágrimas e seu riso até que elas floresçam, até que você mesma esteja flor. Então, você será capaz de criar os bálsamos que elas criaram, bem como onde e quando aplicá-los. É essa a missão. A única missão (Estés, 2018, p. 517).

Referências

- ANASTASIOU, L. das G. C.; ALVES, L. P. (Orgs.). **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 10. ed. Joinville: UNIVILLE, 2015.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, R. **Sade, Fourier, Loyola**. Paris: Seuil, 1971.
- BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**. 4. ed. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BONNICI, T. **Teoria e crítica literária feminista**: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.
- BRASIL, A. Invenção e construção literária: o eterno debate. In: MARTINS, A. M. (Org.) **Itinerários de leituras**: ensaios sobre literatura. Pelotas: Ed. Universitária UFPE, 2003. P. 65-77.
- CANDIDO, A. Direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários Escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas cidades, 1995. p. 169-161.
- COLOMER, T. **Andar entre livros**: A leitura literária na escola. Tradução Laura Sandroni. São Paulo Global, 2007.
- COSSON, R. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2.ed. 9.reimp. São Paulo: Contexto, 2019.
- COSSON, R. **Círculo de leitura e letramento literário**. 1.ed. 4. reimp. São Paulo: Contexto, 2020.
- ESTÉS, C. P. **Mulheres que Correm com os Lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.
- JOUVE, V. A leitura In: JOUVE, V. **A leitura**. Trad. Brigitte Hervor. São Paulo: UNESP, 2002. p. 107-122.
- KRAEMER, H.; SPRENGER, J. **O martelo das feiticeiras, malleus maleficarum, escrito em 1484 pelos inquisidores**. Tradução de Paulo Fróes. 28. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- LIPOVETSKY, G. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminino. São Paulo: Cia. Das Letras, 1977.
- ORDINE, N. **A utilidade dos saberes inúteis**. Editora: Zahar, 2016.
- WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- ZILBERMAN, R. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1988.
- ZINANI, C. J. A. **História da literatura**: questões contemporâneas. Caxias do Sul: Educus, 2010.